

A ALIMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICA PEDAGÓGICA, ESTÉTICA E FORMAÇÃO DE VÍNCULOS

*NUTRITION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION:
PEDAGOGICAL PRACTICE, AESTHETICS, AND BOND-
BUILDING*

Andreia Aparecida Czyzewski¹

Rede Municipal de Educação de Ijuí, Brasil

Fabiana Alfing Matter²

Rede Municipal de Educação de Ijuí, Brasil

Resumo: Este artigo aborda a alimentação na Educação Infantil como uma prática pedagógica integral, que vai além da satisfação das necessidades fisiológicas, incorporando dimensões sociais, culturais e afetivas. Destaca-se o papel do educador como mediador, que promove a autonomia, a escuta e o protagonismo infantil, especialmente por meio do uso do buffet como estratégia que incentiva a escolha e a experimentação alimentar. Além disso, enfatiza-se a importância da estética e da organização do espaço durante as refeições, entendidas como elementos que potencializam o cuidado, o bem-estar e a construção de vínculos. Por fim, ressalta-se que a alimentação deve ser integrada ao projeto pedagógico e à comunidade escolar, configurando-se como um momento educativo e ético fundamental para o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Alimentação na Educação Infantil; Prática pedagógica; Autonomia infantil; Estética do ambiente; Organização do espaço; Vínculos afetivos; Buffet infantil; Educação alimentar.

- 1 Graduada em Pedagogia-UNIJUI. Especialista em Docência na Educação Infantil – UFMS. Professora da Rede Municipal de Ijuí. andrea.c@prof.smed.ijui.rs.gov.br.
- 2 Graduada em Pedagogia-UNIJUI. Especialista em Orientação, Educação Especial e Gestão Escolar. Professora da Rede Municipal de Ijuí. fabimatter@gmail.com.



Abstract: This article addresses food in Early Childhood Education as a comprehensive pedagogical practice that goes beyond meeting physiological needs, incorporating social, cultural, and affective dimensions. It highlights the educator's role as a mediator who promotes autonomy, attentive listening, and child protagonism, especially through the use of the buffet as a strategy that encourages choice and food experimentation. Furthermore, it emphasizes the importance of aesthetics and the organization of the space during meals, understood as elements that enhance care, well-being, and the building of bonds. Finally, it stresses that food must be integrated into the pedagogical project and the school community, constituting a fundamental educational and ethical moment for the integral development of children.

Keywords: Food in Early Childhood Education; Pedagogical practice; Child autonomy; Environment aesthetics; Space organization; Affective bonds; Children's buffet; Food education.

1 Introdução

Compreender a alimentação na Educação Infantil como prática pedagógica implica reconhecê-la como parte constitutiva do currículo vivido, e não como um momento periférico de rotina ou mera ação de cuidado. Na perspectiva da BNCC, as experiências cotidianas integram o processo de aprendizagem das crianças, que são concebidas como sujeitos de direitos, ativos, curiosos e capazes de produzir cultura nas relações que estabelecem com o mundo, com os outros e consigo mesmas.

Sob a ótica das contribuições de Paulo Fochi, o cotidiano ganha centralidade como território investigativo da docência, no qual as ações simples do dia a dia revelam complexos processos de aprendizagem, socialização e construção de pensamento. Nesse sentido, a mesa, os alimentos, os gestos de servir-se, partilhar e esperar tornam-se elementos pedagógicos carregados de sentido, nos quais se constroem valores, narrativas, escolhas e modos de convivência.

Na perspectiva inspirada em Reggio Emilia, essa compreensão se amplia ao considerar o ambiente como um elemento ativo no processo educativo. O espaço da alimentação deixa de ser funcional para tornar-se um contexto estético, relacional e ético, cuidadosamente planejado para favorecer interações, autonomia e participação. Os materiais, a organização

da mesa e a forma como os adultos se posicionam nesse contexto comunicam intencionalidades pedagógicas e influenciam diretamente a qualidade das experiências vividas pelas crianças.

Nesse cenário, o protagonismo infantil se expressa quando as crianças são convidadas a participar ativamente dos processos que envolvem a alimentação: escolher, servir-se, experimentar, recusar, comentar e compartilhar suas percepções. Essas experiências favorecem o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade coletiva e da cooperação, além de contribuírem para a construção de uma relação mais consciente, sensível e crítica com os alimentos e com o ato de comer.

No que se refere ao papel do educador, este se desloca para uma atuação fundamentada na escuta sensível, na observação atenta e na intencionalidade pedagógica. Nessa perspectiva, conforme defendem Paulo Fochi (2015, 2019), Emmi Pikler (2010), Loris Malaguzzi (1999) e Alfredo Hoyuelos (2020), cabe ao professor construir contextos que favoreçam a autonomia, as interações e a participação ativa das crianças. A mediação qualificada, aliada à observação sistemática e à documentação pedagógica, permite tornar visíveis os processos de aprendizagem que emergem também nos momentos de alimentação, respeitando os tempos, os ritmos, as culturas alimentares e as singularidades de cada criança.

Na Educação Infantil, a alimentação constitui-se como uma experiência cotidiana rica em possibilidades de aprendizagem, investigação e interação. Os momentos das refeições, do contato com diferentes alimentos e da participação em pequenas ações de preparo e organização dos espaços favorecem experiências que envolvem observar, comparar, experimentar, comunicar, levantar hipóteses, fazer escolhas e estabelecer relações com o mundo que as cerca. Ao explorar cores, aromas, sabores, texturas e transformações dos alimentos, as crianças ampliam seus repertórios sensoriais, culturais e científicos, enquanto desenvolvem a oralidade, a autonomia, a convivência, a curiosidade e o pensamento investigativo. Nessa perspectiva, a alimentação integra os diferentes campos de experiências previstos na Base Nacional Comum Curricular, constituindo-se como um contexto significativo para aprendizagens que emergem das vivências, das interações e das brincadeiras.

Assim, compreender a alimentação como parte integrante do currículo da Educação Infantil significa reconhecê-la como uma experiência educativa que se constitui nas interações, nas brincadeiras e nas vivências cotidianas das crianças. Os momentos das refeições deixam de ser apenas

tempos destinados à nutrição e ao cuidado para tornarem-se contextos de convivência, investigação, comunicação, construção de autonomia e produção de cultura. Ao participar desses momentos, as crianças exploram sabores, aromas, texturas e modos de fazer, constroem relações com os outros, ampliam seus repertórios culturais e atribuem significados às experiências vividas. Nessa perspectiva, o cotidiano assume centralidade no projeto pedagógico, sendo compreendido como um espaço privilegiado de aprendizagens, no qual cuidar e educar se integram de forma indissociável, respeitando os tempos, as necessidades e o protagonismo das crianças.

2 O papel do educador na alimentação na Educação Infantil

O educador desempenha um papel central nos momentos de alimentação na Educação Infantil, atuando como mediador qualificado entre cuidado, educação e cultura. Na perspectiva da BNCC, o cotidiano é compreendido como parte estruturante das experiências de aprendizagem, o que desloca o adulto da função meramente organizadora da rotina para uma atuação intencional, ética e pedagógica, comprometida com a infância como tempo de direitos, participação e produção de sentidos.

Na perspectiva de Paulo Fochi (2015; 2019), o cotidiano da Educação Infantil constitui-se como um contexto privilegiado de investigação, no qual as experiências vividas pelas crianças revelam processos ricos de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, os momentos de alimentação ultrapassam a função de atender às necessidades nutricionais e passam a ser compreendidos como experiências pedagógicas permeadas por interações, descobertas, escolhas, recusas, gestos, olhares e formas de comunicação. Esses acontecimentos cotidianos oferecem ao educador importantes indícios sobre os modos como as crianças constroem sua autonomia, estabelecem relações com os outros, exploram o mundo e produzem significados acerca de suas vivências. Cabe ao professor, por meio da observação atenta, da escuta sensível e da documentação pedagógica, interpretar essas experiências e transformá-las em oportunidades de reflexão, planejamento e qualificação das práticas educativas, reconhecendo o cotidiano como elemento constitutivo do currículo da Educação Infantil.

Sob a perspectiva inspirada em Reggio Emilia, o educador assume uma postura de coautor das experiências, organizando ambientes que acolhem, provocam e ampliam as possibilidades de ação das crianças.

O espaço da alimentação passa a ser compreendido como um contexto relacional e estético, no qual a forma de dispor os alimentos, os utensílios e a organização do grupo comunicam intencionalidades pedagógicas e convida à participação ativa.

Nesse contexto, o protagonismo infantil se concretiza quando as crianças são reconhecidas como capazes de participar das decisões que envolvem o ato de comer: servir-se, escolher, experimentar, recusar, compartilhar e cuidar do espaço coletivo. Essas experiências fortalecem a autonomia, a autoestima e o sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo em que ampliam a compreensão da criança como sujeito de direitos e produtor de cultura.

No que se refere à prática docente, o educador atua como observador atento e mediador sensível, sendo responsável por sustentar interações significativas e dar visibilidade às aprendizagens que emergem do cotidiano. A escuta das crianças, de suas falas, gestos, expressões e silêncios, permite compreender dimensões importantes de suas histórias, relações familiares e formas de se relacionar com o alimento e com o corpo. Como apontam autores contemporâneos da educação da infância, é nessa escuta qualificada que se constrói uma pedagogia mais ética, inclusiva e responsiva às singularidades infantis.

A alimentação, nesse sentido, também se configura como um campo de investigação e ampliação de repertórios, no qual o educador pode promover experiências que envolvem novos sabores, texturas e aromas, articulando cuidado e curiosidade investigativa. Trata-se de ampliar o olhar para o comer como experiência cultural, sensorial e social, e não apenas biológica.

A formação docente contínua torna-se, portanto, indispensável para qualificar essas práticas, especialmente no que se refere à educação alimentar e à compreensão do cotidiano como espaço pedagógico. Como enfatiza Campos (2014), o educador da infância é um pesquisador do cotidiano, capaz de transformar situações rotineiras em experiências formadoras. Nessa mesma direção, Gandini (2016) reforça que a criança constrói conhecimento de forma ativa e relacional, em diálogo constante com o ambiente e com os outros.

Dessa forma, o educador não apenas cuida e organiza, mas interpreta, investiga e ressignifica o cotidiano. Sua presença intencional nos momentos de alimentação afirma uma pedagogia do encontro, na qual

comer é também conviver, aprender e produzir cultura, reconhecendo a infância como potência de vida, relação e descoberta.

3 O buffet como estratégia pedagógica na alimentação

A organização das refeições em formato de buffet na Educação Infantil constitui-se como uma prática pedagógica que materializa uma concepção de criança competente, participativa e capaz de tomar decisões sobre aspectos que envolvem sua vida cotidiana. Mais do que uma estratégia de distribuição dos alimentos, o buffet configura-se como um contexto educativo que reconhece a criança como protagonista de suas experiências, fortalecendo sua autonomia, sua capacidade de escolha e sua participação ativa na construção do cotidiano escolar.

Na perspectiva da BNCC (2017), as crianças aprendem por meio das interações e brincadeiras, construindo conhecimentos nas experiências concretas que vivenciam. Nesse sentido, servir-se durante as refeições representa uma oportunidade de exercer direitos de participação, fazer escolhas, resolver problemas e desenvolver gradativamente a autorregulação. O ato de decidir o que comer, quanto servir-se e como organizar seu prato possibilita que a criança estabeleça uma relação mais consciente com seu corpo, suas necessidades e suas preferências.

As contribuições de Paulo Fochi reforçam essa compreensão ao evidenciar que o cotidiano é um espaço privilegiado de produção de aprendizagens e que os momentos rotineiros carregam uma potência pedagógica frequentemente invisibilizada. Sob essa perspectiva, o buffet não se reduz a uma prática funcional, mas transforma-se em um contexto investigativo, no qual as crianças elaboram hipóteses, realizam escolhas, observam os colegas, negociam significados e constroem conhecimentos sobre si mesmas e sobre a vida coletiva.

Inspirada na abordagem de Reggio Emilia, essa prática reconhece o ambiente como um dos protagonistas do processo educativo. A organização dos alimentos em recipientes acessíveis, a disposição estética dos utensílios, a qualidade dos materiais e a configuração dos espaços são elementos que comunicam confiança nas capacidades infantis e convidam à participação. O ambiente, concebido como “terceiro educador”, favorece experiências de autonomia quando oferece condições para que as crianças atuem com independência, segurança e pertencimento.

Nesse contexto, o papel do educador não é controlar ou determinar as escolhas das crianças, mas sustentar experiências significativas por meio da observação atenta, da escuta sensível e da mediação respeitosa. O adulto acompanha os processos, acolhe descobertas, apoia desafios e documenta as aprendizagens que emergem das interações estabelecidas durante as refeições. Trata-se de uma postura que reconhece o erro, a experimentação e a exploração como elementos legítimos do processo educativo.

Além de favorecer a autonomia, o buffet amplia as possibilidades de educação alimentar ao promover o contato direto com diferentes alimentos, cores, aromas, texturas e sabores. A experiência de servir-se cria condições para que as crianças construam relações mais positivas e curiosas com os alimentos, respeitando seus tempos de aproximação e suas singularidades. Nessa perspectiva, a ampliação dos repertórios alimentares ocorre por meio da experiência, da convivência e da observação dos pares, e não pela imposição ou obrigatoriedade.

Conforme argumenta Fochi (2019), as experiências cotidianas constituem contextos privilegiados de aprendizagem e participação, nos quais as crianças constroem conhecimentos sobre si mesmas e sobre a vida coletiva. Na mesma direção, Hoyuelos (2020), ao discutir os princípios da abordagem de Reggio Emilia, ressalta que a participação infantil é um direito e uma condição para a construção da cidadania. Guimarães (2021) reforça que os contextos educativos devem possibilitar que as crianças atuem como sujeitos ativos nas decisões que envolvem a vida cotidiana da instituição. Assim, práticas como o buffet pedagógico favorecem o desenvolvimento da autonomia, da corresponsabilidade e do sentimento de pertencimento, fortalecendo experiências de convivência democrática e participação social.

Portanto, o buffet pedagógico representa uma materialização de uma pedagogia que valoriza a escuta, a participação e a autonomia das crianças. Integrado ao projeto político-pedagógico da instituição, ele transforma o momento da alimentação em uma experiência de investigação, convivência e aprendizagem, reafirmando a infância como tempo de potência, autoria e construção de sentidos sobre o mundo.

4 A estética e a organização do espaço nas refeições

Na Educação Infantil, os espaços não são neutros. Eles expressam concepções de infância, comunicam valores e influenciam diretamente

a qualidade das experiências vividas pelas crianças. A forma como os ambientes são organizados revela escolhas pedagógicas e evidencia o modo como a instituição compreende a criança: como sujeito passivo, que apenas ocupa os espaços, ou como protagonista capaz de interagir, transformar e produzir cultura. Nesse sentido, os momentos de alimentação constituem contextos privilegiados para refletir sobre a potência educativa dos ambientes.

A abordagem de Reggio Emilia, amplamente difundida por Loris Malaguzzi e aprofundada por autores como Alfredo Hoyuelos e Carla Rinaldi, compreende o ambiente como o “terceiro educador”. Essa concepção atribui ao espaço um papel ativo na construção das aprendizagens, reconhecendo que sua organização influencia as relações, as investigações e as formas de participação das crianças. Assim, o ambiente destinado às refeições ultrapassa sua função operacional e passa a constituir-se como um cenário de encontros, descobertas e produção de significados.

Nessa perspectiva, a estética assume um papel central. Entretanto, não se trata de uma estética voltada apenas para o embelezamento dos espaços, mas de uma estética que expressa cuidado, respeito e escuta das infâncias. Conforme destaca Rinaldi (2016), a estética está relacionada à capacidade de perceber, sentir e atribuir significado às experiências. Um ambiente cuidadosamente organizado comunica às crianças que elas são valorizadas e que seus tempos, suas ações e suas relações são dignos de atenção.

As contribuições de Paulo Fochi reforçam essa compreensão ao evidenciar que os contextos cotidianos são elementos constitutivos do currículo da Educação Infantil. O autor argumenta que as aprendizagens acontecem nas experiências vividas pelas crianças e nas relações que estabelecem com pessoas, objetos e ambientes. Dessa forma, o espaço das refeições não deve ser pensado apenas para atender necessidades funcionais, mas para potencializar interações, favorecer a autonomia e ampliar as possibilidades de participação infantil.

A organização do ambiente alimentar deve considerar aspectos que promovam acessibilidade, conforto, segurança e autonomia. Mesas e cadeiras adequadas à altura das crianças, utensílios que possam ser manuseados com independência, recipientes acessíveis para o autoatendimento e uma disposição que favoreça a circulação e os encontros são elementos que comunicam confiança nas capacidades infantis. Quando a criança encontra

um espaço preparado para sua participação, ela amplia suas possibilidades de agir, decidir e construir conhecimentos sobre si e sobre o coletivo.

Além dos aspectos funcionais, a qualidade estética do ambiente também contribui para a construção de experiências mais significativas. Elementos como flores naturais, materiais de qualidade, iluminação acolhedora, organização harmoniosa dos alimentos e cuidado com os detalhes tornam o momento da refeição uma experiência sensorial e culturalmente rica. Esses aspectos favorecem a percepção, o encantamento e a construção de vínculos afetivos com o espaço e com as pessoas que o compartilham.

A BNCC (2017) destaca a importância de garantir às crianças experiências que promovam participação, convivência, exploração e expressão. Nesse contexto, o ambiente das refeições deve possibilitar que elas assumam papéis ativos na organização do espaço, colaborando na preparação das mesas, no cuidado com os materiais e na construção coletiva de combinados. Essas experiências fortalecem o sentimento de pertencimento, a responsabilidade compartilhada e a compreensão dos espaços como bens coletivos.

Autores contemporâneos da Pedagogia da Infância, como Daniela Guimarães, Carla Rinaldi e Alfredo Hoyuelos, ressaltam que ambientes de qualidade são aqueles que promovem relações democráticas, acolhem as múltiplas linguagens das crianças e favorecem experiências de investigação e autoria. O espaço das refeições, quando pensado nessa perspectiva, transforma-se em um contexto de aprendizagem, no qual cuidado, convivência, estética e educação constituem dimensões inseparáveis.

Portanto, investir na organização estética e funcional dos espaços destinados à alimentação significa reconhecer que a educação acontece também nos detalhes do cotidiano. Significa compreender que a beleza, o cuidado e a intencionalidade pedagógica não são elementos acessórios, mas componentes fundamentais de uma pedagogia que respeita as crianças, valoriza suas capacidades e reconhece a potência das experiências vividas na infância.

5 Considerações finais

Compreender a alimentação na Educação Infantil como prática pedagógica implica superar uma visão restrita ao cuidado biológico e reconhecê-la como um contexto privilegiado de experiências, relações

e aprendizagens. Em consonância com a BNCC, com as contribuições de Paulo Fochi e com os princípios da abordagem de Reggio Emilia, os momentos de refeição constituem tempos e espaços educativos nos quais as crianças produzem cultura, constroem conhecimentos, exercitam a autonomia e participam ativamente da vida coletiva.

Ao longo deste estudo, evidenciou-se que a alimentação integra o currículo vivido da Educação Infantil, configurando-se como uma experiência que articula cuidado, educação, ética e estética. Os gestos cotidianos relacionados ao comer, ao servir-se, ao compartilhar alimentos e ao conviver à mesa revelam processos complexos de aprendizagem, nos quais as crianças constroem sentidos sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo que as cerca.

Nesse contexto, práticas como o buffet pedagógico assumem especial relevância ao favorecer o protagonismo infantil e o exercício da participação. Quando as crianças são reconhecidas como competentes para realizar escolhas, organizar seus pratos, respeitar seus limites e colaborar com o coletivo, ampliam-se as possibilidades de desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e do sentimento de pertencimento. Tais experiências reafirmam uma concepção de infância que reconhece as crianças como sujeitos ativos, capazes de interpretar, transformar e produzir cultura em seus contextos de vida.

Da mesma forma, o papel do educador revela-se fundamental na construção de experiências alimentares significativas. Por meio da observação atenta, da escuta sensível e da mediação intencional, o professor transforma situações cotidianas em oportunidades de investigação, diálogo e aprendizagem. Inspirado por uma pedagogia da escuta, o educador deixa de ocupar uma posição centrada no controle e passa a atuar como parceiro das crianças na construção de experiências que respeitam seus tempos, interesses e singularidades.

A organização dos espaços também emerge como elemento central desse processo. Conforme defendem Malaguzzi, Rinaldi e Hoyuelos, o ambiente educa e comunica valores. Assim, espaços cuidadosamente planejados, esteticamente acolhedores e acessíveis às crianças favorecem interações mais qualificadas, fortalecem a autonomia e ampliam as possibilidades de participação. A beleza, nesse contexto, não é um elemento decorativo, mas uma dimensão ética que expressa respeito pela infância e pelo direito das crianças de viver experiências significativas em ambientes que as reconheçam como protagonistas.

Dessa forma, promover uma educação alimentar comprometida com a autonomia, a participação, a diversidade cultural e a qualidade das relações significam assumir uma concepção de Educação Infantil que valoriza o cotidiano como espaço legítimo de aprendizagem. Significa compreender que os momentos de alimentação são oportunidades de encontro, investigação e construção de sentidos, nos quais cuidado e educação se entrelaçam de forma indissociável.

Conclui-se, portanto, que a alimentação, quando compreendida como experiência educativa, torna-se uma potente linguagem da infância. Mais do que alimentar corpos, ela possibilita nutrir relações, fortalecer vínculos, ampliar repertórios culturais e afirmar o direito das crianças de participar ativamente da construção de seu próprio percurso de desenvolvimento e aprendizagem.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/bncc>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- CAMPOS, Maria Malta; FÜLÖP, Myriam S. Educação Infantil: para quê te quero? São Paulo: Moderna, 2011.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Educação Infantil: muitos olhares, múltiplas vozes. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2015.
- FOCHI, Paulo Sergio. A pedagogia do cotidiano na Educação Infantil. Porto Alegre: Penso, 2019.
- FRIEDMANN, Adriana. O brincar e o comer: escutas e expressões infantis no cotidiano da Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 2019.
- GANDINI, Lella. A estética do ambiente nas escolas de Reggio Emilia. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 121-136.
- GUIMARÃES, Daniela. Os bebês e a creche: relações, práticas e sentidos na Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 2021.
- HOFFMANN, Jussara. Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2018.

HOYUELOS, Alfredo. A ética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi. Curitiba: Appris, 2020.

ROSEMBERG, Fúlvia. Currículo e alimentação na Educação Infantil. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (org.). Encontros e desencontros em creches e pré-escolas. São Paulo: Cortez, 2002. p. 101-120.